



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE,"

Redacção e Administração: R. Republica, 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA MISTURADA, R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

A CABOU a luta, e ainda bem. E' preciso acabar de vez este estado de constante inquietação em que vivemos.

A's revoluções, ás perturbações de toda a ordem, devemos o estado de manifesto atrazo em que vivemos.

E' preciso que toda a gente se convença que para triunfar, escalando as cadeiras do poder, é preciso correcção nos processos, intelligencia nas acções e a confiança publica.

Outra revolução que não seja a da alteração pura e simples no sentido de alcançar aquele desideratum, faliu.

Trabalhem pois todos. Vencedores na obra de reconstrução nacional e vencidos aguardando o seu dia tanto tempo quanto o necessario para se depurarem dos seus vicios.

Que a era que começa se assinale por esta legenda bendita: **Ordem e Trabalho.**

□ □ □

PASSADA a borrasca, aqueles dias de perturbante incerteza, que tudo desorientou e desorganizou, até a sahida do nosso jornal tão alheio a essas lutas, pensemos mais uma vez naquilo que ha a fazer, que é muito, é muitissimo.

Já reparou a Comlssão Administrativa na frontaria d'algumas casas da nossa cidade?

Já viu que algumas ha que metem nojo aos cães?

Porque não manda os seus proprietarios limpa-las, lava-las e caia-las?

□ □ □

CHAVAMOS a atenção de quem superintende nos serviços de saúde, em especial, e da Comissão Administrativa da Camara, em particular, para o seguinte facto ocorrido no dia 10, no bairro de São Lazaro.

Uma tal Taxinha que negocia em ferros velhos, comprou, em qualquer cemiterio ou estabelecimento, chumbo já servido em caixões de defuntos e que exalava, como é facil de calcular, um cheiro pestilento que tanto encomodou — não sabemos se ainda encomodará — os moradores daquele bairro e proximidades, excluindo, é claro, a tal Taxinha que o armazenou na sua propria habitação.

Ora, como se sabe, o bairro de São Lazaro, como de resto toda a Rua de D. João I e proximidades, é, já por si, insalubre. Acrescentando-lhe ainda mais o foco infeccioso que é a habitação da Taxinha, onde se armazena toda a qualidade de artigos mal cheirosos, como o que vimos apontando, ficaremos sujeitos a uma grave epidemia que pode causar muitas victimas.

E' este o motivo porque, em especial, chamamos a atenção de quem superintende nos serviços de saúde, e, em particular, da Comissão Administrativa da Camara, esperando ser atendidos na peção que fazemos.

HOJE, COMO ONTEM . . .

Depois de passada a tormenta, deixando a quem compete a sua apreciação e liquidação, conforme melhor convenha aos interesses nacionais, não esmoreçamos na cruzada que nos impoemos e nos trouxe para o tablado da imprensa.

No nosso ultimo numero, referindo-nos á visita de Suas Ex.^{as} os Snrs. Ministros do Comercio e da Instrução, promete mos tratar as *questões essenciais ao progresso e desenvolvimen-to de Guimarães.*

Pois bem. Teremos de ir por partes. E o assunto mais palpitante de maior oportunidade é, incontestavelmente, a colocação em Guimarães duma unidade militar.

Hoje, como ontem, lutaremos até vencer.

Posto isto raciocinemos.

Parece que em virtude daquele decreto que manda dissolver todas as unidades que total ou parcialmente tomaram parte a favor dos revoltosos no ultimo movimento revolucionario, o Batalhão de Metralhadoras 2 tambem será dissolvido.

Parece igualmente que as unidades atingidas serão mais tarde reorganizadas, nas mesmas terras onde existiam ou noutra qualquer parte.

Se assim é — pedimos licença aos entendidos para raciocinar assim — porque não aproveitam as nossas entidades mais representativas a oportunidade para conseguir que nesta terra — que culpa alguma tem nos desmandos cometidos — seja reorganizado um regimento de infantaria — o 20 por exemplo que se revoltou e que deve estar abrangido por tal decreto — ou um batalhão de caçadores?

Não lhes parece que poderíamos tentar com algumas probabilidades de exito?

Se os revoltosos prometiam o 20, porque não fará o governo a vontade á gente desta terra, gente de paz, gente de trabalho que tristemente viu sahir daqui aquela bandeira que nos campos de batalha cobriu os seus filhos gloriosos que se bateram pelo Direito e pela Justiça?

Pois se o Direito e a Justiça não são palavras vãs, é em nome desse Direito e dessa Justiça que o povo desta terra pede o seu regimento. insta e incita quem pode fazê-lo a lembrar mais uma vez a grande aspiração do povo vimaranense pela qual o PRO VIMARANE denodadamente se bateu.

Mãos á obra.

ALMA

AO ARMANDO NEVES PEREIRA

*E' tudo quanto em nós palpita e canta,
e pensa e compreende e avalia;
e dá aos olhos luz, voz á garganta,
e flexões á argila inerte e fria.*

*E' o que sonda, perscruta e alevanta
oceanos de beleza e harmonia
em tudo, desde o sol á débil planta,
que tudo o que Deus fez e o que Deus cria.*

*Ideal, Aspirações, Felicidade,
Amor — Presença ainda e já Saudade —
Exaltação da Ansia no proscrito.*

*E tudo o que se agita estranho e forte
no íntimo de nós e vence a Morte
vivendo a própria vida do Infinito!*

ARNALDO BEZERRA.

CARNAVAL?!...

Convencionou esta carnavalesca sociedade, escolher trez dias em cada ano para se divertir á tripa fôrra, intrujando-se mutuamente, pregando partidas aos seus semelhantes, mascarando-se, enfim, entregando-se de corpo e alma ao pagode.

Mas essa convenção não passa de uma tremendissima partida que D. Sociedade nos pregou, pois quer-nos fazer acreditar que a sua vida não é aquele permanente carnaval em que vivemos.

Esses trez dias que hoje terminam, são a mascara de D. Sociedade. Mascara estafada e conhecida, apesar de todas as dessimulações.

Por isso achamos bem as medidas que as autoridades veem tomando nos ultimos anos, reprimindo a entrudada ignobil, a mascarada ir sponsavel instigadora de todos os crimes.

Acabou pois o carnaval grotesco, acabaram as mascaras por se reconhecer que para mascara basta aquela que anda por aí permanentemente afivelada a tanto rosto.

Ficou o carnaval elegante, o carnaval papo-sêco. Os minusculos papeisinhos e o inofensivo, estonteante e delicado perfume.

□ □ □

A reorganização do corpo de policia na nossa terra parece não merecer importância alguma a quem deveriam importar estas coisas.

Continuaremos no entanto sem desanimar certos de que a nossa insistência terá o mesmo efeito da *água mo'e em pedra dura...*

Há dias relatavam os jornais diários que Sua Ex.^a o sr. Ministro do Interior, iria reorganizar as policias e entre elas, é claro, a de segurança, em tôdas as sedes de distrito e em algumas cidades mais importantes.

Estamos mesmo a ver a nossa cidade excluída do número destas apesar de ser a sede dum concelho dos mais importantes do país.

Guimarães, é preciso repeti-lo, que paga de contribuições tanto como os restantes concelhos do distrito, incluindo Braga, vai por certo ser lançada á margem, como, infelizmente, nestes últimos tempos tem acontecido.

Guimarães, que preci a de se civilizar, reprimindo costumes primitivos, atitudes indecorosas, não tem agentes que façam cumprir os códigos e as leis.

Esta é que é a triste verdade que nem todos veem ou querem ver.

E' pois necessário que se represente ao sr. Ministro do Interior fazendo-lhe lembrar a necessidade urgente que esta cidade tem em que lhe restituam a sua policia há muito dissolvida.

Não nos parece que, quem pode tratar este assunto, tenha melhor oportunidade.

□ □ □

A SSINAR o «PRO VIMARANE» é o dever de todo o bom e sincero vimaranense.

João Franco

Passou há dias o aniversário natalício de um devotado amigo da nossa Terra, o Senhor Conselheiro João Franco.

A S. Ex.^a se devem importantes melhoramentos. Ele foi sempre um Vimaraneense de coração. E, assim, não podíamos, nós, que nesta trincheira só lutamos pelo engrandecimento e prosperidades de Guimarães, deixar passar o aniversário natalício do Senhor Conselheiro João Franco sem manifestarmos o nosso regosijo e sem prestarmos as nossas homenagens.

E' como vimaranenses que o fazemos. E', ainda, pelos serviços relevantes que lhe devemos e que jamais esqueceremos que aqui vimos apontar o seu exemplo. E esse exemplo tão admirável servir-nos ha sempre de guia nesta cruzada santa que empreendemos por Guimarães.

Ha muito já que a nossa Terra tem sido esquecida dos poderes constituídos. Uma vez ou outra se levanta uma voz a nosso favor. Mas depressa essa voz deixa de se ouvir e a nossa Terra volta á primeira forma. Não existe a persistência que convence nem a vontade de *bem servir*. Daí resulta a cristalização e esterilidade de todas as boas vontades e de todos os empreendimentos.

João Franco esteve sempre ao nosso lado. Ainda ha pouco, num protesto bem sentido e bem vibrante, nós vimos tremular a bandeira dos *velhos entusiastas*. A esse grupo de *antes quebrar que torcer* andou ligado o nome de João Franco. Foi já ha bastantes anos, quando Guimarães se levantou indignada contra Braga, que a acção benéfica de João Franco tanto se fez sentir a nosso favor. E é recordando todos estes factos que nós, Vimaraneenses, ao passar mais um aniversário de tão dedicado amigo de Guimarães, nos vimos associar de todo o coração ás homenagens que lhe foram prestadas pela gente da nossa Terra.

VILAFLOR.

"Pro Vimarane.,

Por motivos de força maior, foi-nos completamente impossível publicar o nosso jornal no passado dia 16 de Fevereiro, do que pedimos desculpa aos nossos amigos e prezados assinantes.

Carta aberta

AO

Sr. Ministro do Comércio

Era velho uso e estava escrito na carta e guia dos senhores ministros de antanho, que na hora das suas visitas officiaes á provincia procurassem conhecer de perto as necessidades dos povos que no seu roteiro percorriam.

Esteve V. Ex.^a em Guimarães — e na ingenua costunera da terra o anunciaram as filarmônicas e os foguetes — mas ninguem, nenhum poder representativo da minha terra teve a *elementar lembrança* de o convidar a ir á Escola Industrial e Comercial para ver... o que um Ministro do Comercio não deve ignorar para prestigio e honra da sua pasta.

Não foi culpa de V. Ex.^a, bem sei, que não fosse visitar esse estabelecimento de ensino o qual estando dependente do seu ministério, dele vem reclamando há muitos anos uma *obra de misericórdia*: que é o acabar com o espectáculo triste e vergonhoso de ali manter, *vai em 40 anos*, um material que se destinava ao ensino tecnico no mais completo descalabro e abandono!

Para maior cúmulo este material tem como *jazigo* um edificio de imponente aspecto fabril, dividido em onze corpos, sem contar uns grandes armazens anexos, tanques e uma alta chaminé — como que a anunciar ás gentes crédulas que ali dentro o ensino é prático, todo feito em laboratórios e officinas.

Na realidade o ensino industrial, excepção das materias do desenho, não passa ali duma ficção; ou, como bem diria o publicista autorizado Bento Carqueja — não vai além dum «conservatório de teorias.»

Today, sr. Ministro, quando em 1885 o circumspecto «Diário do Governo» criou a nossa Escola Industrial, disse no art. 1.^o do respectivo decreto: que o ensino seria apropriado ás indústrias predominantes na localidade, «devendo este ensino ser eminentemente

prático.» Para que assim fôsse se deu começo ao grandioso edificio em 1887, dando nele entrada o primeiro material destinado ao ensino técnico e profissional de serralharia, cutelaria, fição, tecelagem, cortumes e labores femininos em 1891.

Deambolaram os anos; e, a Escola Industrial de Guimarães entregue aos vai-vens da politica e da fortuna, jamais viu realizado o pensamento dos seus precusores — os vimaranenses que com o dr. Alberto Sampaio á frente realizaram neste burgo, em 1884, uma Exposição Industrial Concehã, a primeira que no género se fazia no país, como prova de que esta terra é a maior colmeia industrial do Minho.

Eis porque foi pena não terem convidado V. Ex.^a a ver a nossa Escola Industrial, *para prover ao remédio urgente de pôr a funcionar aquela maquinaria que ainda pode ser aproveitada para o ensino.*

E quere V. Ex.^a saber quanto dispênde o Estado com esse remédio, pondo a funcionar algumas secções de ensino prático, tanto mais que para elas já há mestres contratados?

Simplesmente 50 contos!

Por tão pequena quantia poupa V. Ex.^a a República de um desprestigiado exemplo de incúria e de desinteresse oferecido pelos seus servidores que veem fazendo «ouvidos de mercador» aos que, como eu, clamam e gritam contra o espectáculo dêsse material abandonado há perto de 40 anos!

Por tão modesta quantia — que é uma migalha no sorvedouro dos dinheiros públicos — dá V. Ex.^a aos operários e industriais desta laboriosa terra um elemento mais para o desenvolvimento das suas aptidões técnicas, de passo que se torna credor do reconhecimento dos vimaranenses.

Digne-se V. Ex.^a aceitar os respetos do obscuro cidadão,

A. L. DE CARVALHO.

O presente número do «Pro Vimarane» foi visado pela Comissão de Censura.

Como

se faz a história...

O snr. coronel Amaral, comandante militar de Braga e presidente da Sociedade Martins Sarmiento de Guimarães, falou aos jornais. Falou aos jornais e deu raia.

Não nos interessa neste momento a historia do movimento revolucionario, ela se fará um dia e com outros elementos, mais seguros e mais fidedignos que aqueles com que o «Jornal de Noticias», quer contribuir.

Interessa-nos sim, as declarações produzidas por S. Ex.^a o snr. coronel Duarte do Amaral áquele diario.

Dessas declarações, na parte que se refere á nossa terra, conclue-se que Guimarães era um perigoso baluarte revolucionario.

Ora como isto não está certo, e para que a historia não comee a ser já falsificada, e ainda porque queremos a nossa terra olhada com mais carinho e deferencia, vamos repôr as coisas nos seus respectivos logares.

Diz S. Ex.^a: *O snr. capitão Torres, de infantaria 8, auxiliado apenas por 24 praças — quasi tudo sargentos! — conseguia, num «raid, audacioso, (!!!) recopar Guimarães.*

Punhamos as coisas no seu devido pé. A pequena força do 8 não fez nem tinha que fazer qualquer «raid, audacioso», porque quando saiu de Braga sabia perfeitamente que em Guimarães não havia revoltosos. Os poucos que aí ficaram desapareceram como por encanto.

Sabe o illustre presidente da Sociedade Martins Sarmiento que o povo desta terra é um povo de ordem, um povo de trabalho, um povo conservador. Sabe o comandante militar de Braga e filho desta terra, que o povo de Guimarães não pode ter culpa na attitude que tomam os militares que para aqui lhe mandam, e por isso achamos descabida aquella quichotesca afirmação: *se não andamos mais depressa — que se agradeça a Guimarães...*

Quer dizer, se as tropas do Porto se não revoltam teria o snr. coronel recebido como premio pelos serviços prestados as estrelas de general. E não sabemos o que lhe aconteceria se em todo o paiz não houvesse revoltosos para combater e posições a conquistar,

Azas

de Portugal

Mais uma vez vai ser posto à prova o valor, o arrojo e a sciência dos nossos navegadores do ar.

Portugal, apesar dos seus poucos recursos, ocupa já um lugar proeminente entre os grandes progressos aéreos.

Depois das triunfais travessias Lisboa-Rio de Janeiro e Milfontes-Macau, não descansaram os nossos aviadores enquanto não estudaram e projectaram esta arriscada empresa de circundar o globo em aeroplano.

Esta viagem já começada a preparar pelo malogrado Sacadura Cabral, vai ser agora levada a efeito por quatro portugueses, quatro arrojados argonautas, alguns dos quais já experimentados em duras provas.

Confiamos absolutamente no êxito de tão grande empreendimento.

A nunca desmentida bravura do povo português não sabe recuar, por isso aguardemos confiantes e pacientes, olhos fitos no Oriente, o momento triunfal da chegada do *Argos* e dos seus quatro destemidos tripulantes, legítimos embaixadores d'êste ignorado «jardim da Europa à beira mar planado».

Y.

FALECIMENTO

Pelo falecimento de sua irmã D. Maria Luísa Pereira da Costa, ocorrido no Pôrto, está de luto o nosso amigo sr. João Pereira da Costa, director do nosso colega local «Ecos de Guimarães», a quem por tal motivo apresentamos o nosso cartão de sentidos pezames.

tornando assim a sua acção mais rápida e mais eficaz.

Acabemos com esta subservidade em que temos vivido aparando, sem reagir, toda a casta de aleivosias que nos tem atirado.

Pesa nos muito termos de usar desta violencia para creaturas que, pelo seu passado, pelos logares que ocupam, neste meio e fora dele nos merecem muita consideração, mas, ha determinadas atitudes que o PRO VIMARANE, sem comprometer os fins para que foi criado, não pode deixar de condenar e repudiar.

O Carnaval

«O Carnaval é a expressão anedótica da Passado. O Carnaval é o cabide onde os séculos que passam deixam os farrapos gloriosos das suas modas, dos seus costumes, do seu esplendor.

Podem as épocas, as idades, as civilizações succeder-se: o Carnaval fixará sempre, na poeira distante e luminosa do tempo, alguma coisa da alma d'esse Passado—um tipo, uma anedota, um aspecto, uma scintillação.»

JÚLIO DANTAS.

Pretender civilizar o Carnaval é matá-lo. O Carnaval, para ser Carnaval, há-de ser selvagem, bárbaro, ruidoso, grotesco, canalha. Não posso compreender um Carnaval de smoking ou casaca, civilizado, aristocrático, dandy.

O Carnaval é como uma religião: é o que é.

Pretender fazer um Carnaval a nosso gosto, em conformidade às nossas ideias, ao sabor dos nossos caprichos, é tão impossível como pretender conduzir uma Religião à mercê das nossas conveniências e dos nossos desejos, segundo o nosso arbitrio. Fazer isto é adulterar.

O Carnaval bulhento, desabrido, truanesco, está na Tradição, criou raízes na alma popular. Demais, é realmente justo, inteiramente razoável, que uma vez por ano ao menos o povo que chora e sofre vergado ao peso das dores amargas e crueis da vida, tenha dois ou três dias de estúrdia e de folga para rir, e sobretudo para esquecer... Afivela-se a máscara da folia, e por umas horas escasas,—e tão fugidias, Deus meu!—o Carnaval op'ra êsse milagre de amor e de consolação: as tristezas fogem, as dores esquecem, a alegria volta aos rostos e aos corações...

Só por isto, o Carnaval merece a nossa simpatia; só por isto, a incivilização do Carnaval é defensável, é lógica, é necessária. Porque não tenhamos ilusões: no dia em que fôsse possível civilizar o Carnaval, o seu epitáfio estava traçado. Porque o Carnaval civilizado não mais faria rir, agitar em gargalhadas a alma das multidões. O Carnaval civilizado seria o tédio, a tristeza, o desalento. Seria uma

machadada fatal na Tradição, no muito pouco que de tradicional existe em nossos dias.

Civilizar o Carnaval! Como, de que maneira, quando, oh! moralistas de bôrra, se o Carnaval é de essência, estruturalmente incivilizável, e se é no Carnaval que nós nos reconhecemos, que mais fielmente achamos a nossa personalidade, que melhor nos retratamos?

O Carnaval continuará assim porque, sem contestação, os seus três dias são verdadeiramente aqueles em que com mais rigor, com mais flagrante verdade, nós representamos a farça da Vida. Porque, afinal, não será evidente que os restantes dias do ano constituem um Carnaval triste, falhado, sem grandeza?

O Carnaval existirá sempre, assim qual é, enquanto houver vida no globo.

O Carnaval dionisiaco perdurará: Colombida e Pierrot, com seus trajes setineos, continuarão indefinidamente a fazer as suas momicas e a divertir-nos com as suas facécias: Arlequim será eterno. A velha máscara simbólica que a Grécia nos legou não deixará de encantar as gerações pelos séculos em fora.

Nem podia deixar de ser assim.

Porque, na verdade, o que somos nós senão míseros comparsas duma farça trágica, risíveis mascarados dum Entrudo pelintra e sem graça? O que é o mundo senão um palco formidável com alçapão de mágica para iludir basbaques? O que é a Vida senão uma ingente, uma cínica, uma temerosa Mentira?

RUY DE LANCASTRE.

CONGRESSO EUCHARÍSTICO

Segundo nos informam, vão muito adiantados os trabalhos para o Congresso Eucarístico a realizar nesta cidade nos dias 8 a 12 de Junho próximo.

As festas que terão lugar por ocasião d'esse Congresso, vão ser imponentes, como poucas vezes a nossa terra tem assistido, sendo por isso de esperar que toda a gente contribua para a sua realização.

Vamos, sem dúvida, ter entre nós algumas dezenas de milhares de forasteiros que precisamos de bem receber, mantendo intacto o atributo que nos impoemos de terra hospitaleira.

Preparemo-nos pois para êsses dias de festa em que damos recepção, e cada um faça aquilo que em suas possibilida-

des caiba para lhe dar maior brilhantismo e esplendor.

Insistimos naquilo que temos defendido: a limpeza da cidade.

Por certo a digna Comissão Administrativa da Câmara vai atender-nos, vai ouvir o nosso clamor.

Há, por essa cidade fora, prédios, alguns situados em pontos bem centrais, cujas frontarias é uma vergonha. E' necessário mandá-los reparar, mandá-los limpar.

Pegue a Câmara no seu código de posturas e obrigue os seus proprietários a proceder essa limpeza, dando assim um aspecto airoso e fresco à nossa cidade.

... E prometemos continuar...

Hotel do Toural

Finalmente! O Hotel do Toural vai reabrir. Fica assim momentaneamente resolvido o problema, mas não o fica definitivamente.

Dizem-nos que o Hotel do Toural reabre muito modificado, muito melhorado, mas quer-nos parecer que por mais esforços que se empreguem em o melhorar, não ficaremos em Guimarães com um Hotel de turismo, um Hotel de primeira ordem, que esta terra bem merece e como os que encontramos com frequência por essa província fora.

E' de lamentar que a ideia há tempos lançada leviana e prematuramente a público, não não tivesse fructificado, pois sabemos que a essa empresa se ligariam capitais e criaturas muito respeitáveis da nossa, que, com certeza, seriam garantia segura do êxito de tal empresa.

Mas fique-nos ao menos a consolação de que vamos ter o Hotel do Toural, muito melhorado, a funcionar brevemente.

Antiquilhas

Do nosso ilustre conterrâneo Sr. Dr. Luís de Pina, da Faculdade de Medicina do Pôrto, recebemos um opúsculo, separata da «Revista de Guimarães», editada pela Sociedade Martins Sarmiento, intitulado «O romanico no concelho de Guimarães».

E' um estudo interessante sobre «a igreja de S. Salvador de Pinheiro» e que todos os que se dedicam a estas antiquilhas devem ler.

O seu autor illustrou o seu livro com vários desenhos da sua autoria.

Agradecemos a oferta.

Marquize

Quanto á marquize, continua aquele passo de carangueijo. Não ata nem desata. Já ninguém ouve falar dela. Coitada. Teria recolhido ao já historico *Museu dos Projectos Abandonados*?

O peor é que isto já não era um projecto, era mais alguma coisa que nos custou os olhos da cara.

Bombeiros

A festa que, para comemorar o seu quinquagésimo aniversário, a Corporação dos Bombeiros Voluntários, desta cidade, ia realizar em 19 do corrente, foi adiada para 30 de Junho próximo, dia de S. Marçal, patrono dos Bombeiros.

PÁGINA LITERÁRIA

CONTOS EXTRAORDINARIOS

O Imperador das Selvas

Na minha ultima viagem ao paiz de Tio San, quando ali me chamavam deveres de jornalista detective, fui testemunha de um caso que apaixonou todo o Novo Mundo e que conservo presente no meu espirito, vívido como se a ele tivesse assistido ainda hoje.

Foi o caso que, viajando eu no rapido de Oeste, em *carruagem patio* — na America não ha apenas *carruagem salon*, ha tambem *carruagens escadas, patios, quartos, corredores*, etc, etc, — reparei a certa altura que na minha frente, sentado num vaso de canas da India, ia um individuo forte, ainda novo, dum olhar penetrante e maneiras que infundiam respeito.

Apesar da dose de coragem que costume levar sempre nas minhas malas, confesso o meu receio ante tão estranha visinhança. E sentindo-me mal, contrafeito até á medula, resolvi mudar de pouso para mais tranquilamente catar aquelas 26 horas que faltavam para chegar ao terminus da viagem. Levantei-me e lá fui para uma *carruagem trapeira*, onde, a um canto, me conservei mudo e quêdo.

Num dado momento, e ante a surpresa de todos os passageiros, foi decretado o estado de sitio dentro do comboio. O edital afixado, dando conta desta resolução, era duma severidade unica: ninguem se poderia mexer, só era permitido a cada pessoa proferir quatro palavras por minuto, etc. Dada a conhecer a minha identidade, lá fui inquirir do que se passava. A resposta andava na boca de toda a gente:

— Foi raptada a filha do Rei de Tezouras e Navalhas, multimilionario natural de Pontevedra, que, desde muito novo, vivia no paiz dos aranha ceus.

— E quem foi o criminoso? Interroguei.

— *Una voce* os passageiros responderam:

— Foi o Incas, o Imperador das Selvas.

Vim pouco depois a saber que este popular cavalheiro era nem mais nem menos aquele que eu tinha surpreendido momentos antes sentado num vaso de canas da sua naturalidade, e que era tambem nem mais nem menos que o bandido mais temido de todo o Oeste americano.

Era preciso pois enfrentar todos os perigos para se fazer uma reportagem conscienciosa.

Abeirei-me do revisor que nessa altura estava a exercer as funções do seu cargo, revisando bilhetes a tiro de pistola, e perguntei:

— Sabe-me informar que medidas estão sendo tomadas para descobrir o criminoso?

— Nada lhe posso dizer a não ser, que esses serviços estão con-

AD-HOC

Uma vez...

Passando um rei do Oriente por uma serra onde orava um derviche penitente, deu com êle em oração contemplando uma caveira.

— Que fazes aí, servo de Deus? — perguntou o príncipe.

— Procuo há muitos dias — respondeu o penitente — ver se posso descobrir se esta caveira pertence a um monarca ou a um mendigo.

Um individuo que se prezava de ser de raça illustre, porém mal procedido, lançava em rosto a Ificatre a vileza de ser filho de um sapateiro. O general ateniense, sem se estomagar, olhando com desprezo para o devasso nobre, lhe respondeu: — «Amigo, a minha geração principia em mim, mas a tua acaba em ti.

Os que se casam com mulheres maiores no ser, no saber e no ter estão em grandissimo perigo.

fiados a um colega seu, Mister Reynal Ferreid.

Demos um salto mortal de alegria e exclamamos:

— Não demorará trinta minutos que o Incas conheça a mão herculea do primeiro policia do mundo.

E, confiadamente, lá fui á procura de Mister Reynald que encontrei absorto, a fazer contas de somar.

Não deu pela minha chegada, não respondeu ao meu chamamento, não se moveu sequer quando lhe deixei cair no ombro uma forte palmada. Só quando chegou á conclusão do seu intrincado problema, é que se me dirigiu, afavel como sempre, a explicar as razões de tão grande concentração.

— A matematica, meu amigo, ainda é um grande auxiliar nas investigações policiaes.

— Oh! Sem duvida, obtemperarei.

— A's 5 horas e 5 minutos ainda a filha do Rei de Tezouras e Navalhas se encontrava inraptada. A's 5 horas 6 minutos e 45 segundos já se não podia dizer a mesma coisa. Logo, como num comboio com o andamento deste, não se podem dar mais que 20 passos por minuto, o bandido não se podia

O palhaço, fazendo-nos rir, tem a impressão de que o não compreendemos. O palhaço é o mais triste de todos os artistas, porque atravez da sua máscara de riso nós vemos a tristeza da sua alma em dolorosa peregrinação de dor. Só sabe ser palhaço aquele que mais conhece a arte e a vida.

A tintura de iodo aplicada, uma vez por semana nos dentes, com o auxílio dum pouco de algodão enrolado num palito, destroi a *pedra*.

A "coqueluche," começa por uma constipação. E' preciso empregar hóstias de antipirina e xarope de amoras; as inalações de oxigénio fazem abortar a doença.

Um império está próximo da sua ruína, se as autoridades não obedecem fielmente às leis e o povo às autoridades.

ter afastado do local do crime mais que 35 passos. E' pois dentro desta area que vou exercer a mais pertinaz vigilancia.

Não pude conter um entusiastico bravo, que o pai da vitima tradusiria num tremendissimo *caramba*, ao ver a conclusão deveras scharlokolmesca do meu interlocutor.

Momentos depois vou encontrar Mister Reynal Ferreid de fita metrica em punho, medindo o tamanho dos passos. Setenta centímetros em media, e oh! sciencia da sciencias, 24 metros e meio distante do ponto onde se encontrava a raptada, fomos encontrar esta nos braços de seu pai, enquanto a um lado o facinora expirava, tendo cravada na gorja uma tezoura marca corneta e na pleura uma navalha A O T.

Depois de alguns momentos de expectativa, o nosso grande policia, desorientado, pergunta:

— Quem matou o Incas?...

Se houver vagar, no proximo numero satisfaremos a natural curiosidade do leitor.

REPÓRTER X P T O.

MINIATURAS

Vidas sombrias

O divorcio? Não, meu caro, o divorcio não remedeia nada.

O mal foi teres casado á doída, sem teres pensado, sem reflexão. Tiveste demasiada pressa. Não estudaste, não quizeste estudar o character, o temperamento, o genio de tua mulher: se o tiveses feito, terias reconhecido que ela uão te convinha, não convinha á tua felicidade. Mas a tua pressa: a arcia febril de te casares, traçaram, irremediavelmente, o teu triste, o teu inglorio destino.

Julgavas, — pobre cego! — que não havia mais mulheres no mundo, julgaste que fugindo te ela, outra não encontrarias mais bela, mais carinhosa, e sobretudo mais digna da paixão que levianamente lhe consagravas.

Ha mulheres que, pela sua educação, pela sua moral, pelas suas taras ancestrais como pelas adquiridas, são a desgraça duma existencia inteira, que devia ser de felicidade.

Tua mulher é, atavicamente, uma tarada. Foi o sempre. E o que a ilusão doutro não consentiu que tu visses em toda a sua extensão, desvenda-to hoje a desgraça do teu viver, ao proclamarte a verdade integra, completa.

Foste um parvo, afinal. Parvo como todos aqueles que assim se deixam arrastar, presos ao capricho versatil duma mulher, subjulgados pela sua tirania, dominados, vencidos pelas artes magicas dos seus encantamentos, das suas seduções e dos seus enredos.

Vá que se goste duma mulher! Admito que se tenha por ela uma destas dedicações supremas que possam e devam ir até ao sacrificio! Admito. Explica-se. E' humano. Mas por uma mulher que seja digna dessa dedicação, mas por uma mulher que saiba corresponder a esse amor, mas por uma mulher que pelo seu porte, pela sua conduta, pela sua seriedade, pela gravidade das suas acções, pela excellencia das suas virtudes, seja digna de nós e digna do amor que lhe temos, digna de si propria, digna tambem do amor que porventura nos consagre.

Mas tu, desgraçado, tu nunca tiveste nada disso. Nunca o tiveste tu, assim como a maior parte dos homens.

Porque não haja mulheres? Não: po. que ha poucas, muito poucas, que dizendo-se mulheres e julgando serem mulheres lá pelo facto de trazerem saias, sabem ser realmente mulheres.

..... E até para que o drama pungente do teu amor tenha um fim cruel, nem o divorcio falta.

São os pais muitas vezes que fazem a desonra e a miseria dos filhos: oxalá que tua filha, amanhã, não tenha de lembrar estas tristes e descoloridas palavras, quando a desgraça do mundo, nos seus turbilhões, nos seus declives, e nos seus sortilégios, a fizer chorar com justiça sobre a tragedia do seu lar desfeito.

RUY DE LANCASTRE.